

QUEM FALTA, FAZ REALMENTE FALTA

Marcelo Vicentin¹
Isabel Cristina dos Santos Rodrigues²

A adolescência traz consigo a descoberta da injustiça, o desejo da independência, o desmame afetivo, as primeiras curiosidades sexuais. É, portanto, a idade crítica por excelência, a idade dos primeiros conflitos entre a moral absoluta e a moral relativa dos adultos, entre a pureza do coração e a impureza da vida, é enfim, do ponto de vista de qualquer artista, a idade mais interessante a ser iluminada.

François Truffaut

As (in)certezas de um futuro

A escola vive certa crise, que para nós se traduz pela palavra representatividade. Os discursos dessa “crise” alcançaram um novo patamar, visto que não mais o fator principal de ações coordenadas de instituições ligadas à educação é a formação do aluno, o investimento no processo de leitura e escrita, ou o acesso aos anos iniciais.

A Resolução SE 42, de 18 de agosto de 2015, que instituiu o projeto “Quem Falta Faz Falta” pela Secretaria de Educação do Estado de São Paulo (SEE-SP), e a campanha publicitária da Fundação Roberto Marinho em conjunto com a UNICEF, exibida pela Rede Globo de televisão, a partir de agosto de 2015, visaram convocar os alunos a retornarem às aulas no segundo semestre letivo de 2015. A resolução estadual e campanha publicitária em rede nacional escancaram os desdobramentos da não assiduidade dos alunos e a alta reprovação por baixa frequência.

A Resolução SE 42 enfatiza a necessidade de assiduidade dos alunos nas escolas, ou seja, procura combater a evasão escolar. Para tanto, observa, em seu artigo 1º, que a assiduidade é um compromisso do Estado de São Paulo por meio da Secretaria de Educação em reduzir os índices de ausências, de abandono escolar e de reprovação por baixa frequência, promovendo e incentivando o comparecimento às aulas e às demais atividades escolares.

A campanha publicitária de 1 minuto da Fundação Roberto Marinho e o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) procurou incentivar o comparecimento dos alunos por meio de argumentos que enfatizam que somente meio ano letivo não é um ano completo, e que estar fora da escola não é liberdade. Também enfatiza que é na escola que se pode voltar a sonhar e a viver. Esse discurso é construído musicalmente pelos MC's da Educação, um grupo de adolescentes que canta a música-tema em clima festivo, tendo como refrão o verso “Volta para a sala de aula”. A campanha também enfoca a troca do mundo escolar pelo mundo do trabalho.

Vem no passinho, vem no passinho pra escola. / Vem no passinho, vem no passinho volta pra sala de aula. / Aperte o play, as aulas estão voltando. / Conectei, minha mente está bombando. / E metade não é 1, meio ano não faz 1. / Vem pra sala ficar com a gente, / Vem pra escola ser mais 1. / Não é legal, não faz escada, / Parar na metade não leva a nada. / Meio futuro é uma roubada

¹ Universidade São Francisco, Itatiba, SP, Brasil. E-mail: marcelovicentin@yahoo.com.br.

² Faculdade Zumbi dos Palmares, São Paulo, SP, Brasil. E-mail: isaabelrodrigues@gmail.com.

/ E você quer parar no meio das aulas. / A vida é difícil / E pra chegar lá, você tá ligado, tem que lutar. / Não vai se iludir no caminho fácil, porque nele vai se machucar / Volte a sonhar / Volte a viver (MC'S DA EDUCAÇÃO, 2015)

Em consonância com o discurso da SEE-SP e da Fundação Roberto Marinho/UNICEF, o Ministério da Educação (MEC), em março de 2016, durante a apresentação do Censo Escolar de 2015 pelo ministro Aloizio Mercadante, propôs montar uma força-tarefa interministerial com a participação de governadores e prefeitos a fim de convencer cerca de 1,6 milhões de jovens, entre 15 e 17 anos de idade, a retomarem os estudos. Outro estudo, realizado pelo Observatório da Juventude da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), em parceria com a UNICEF (POLIN, 2015), indicou que 1,7 milhões de jovens estão fora da escola, com sua maioria concentrada na região Sudeste.

Este número é parte dos 3 milhões de crianças e jovens entre 4 e 17 anos que, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), se encontram fora da escola na idade correspondente. Cabe observar que de acordo com o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP, 2015) o Ensino Médio apresentou uma redução no número de alunos, passando de 8,3 milhões, em 2014, para 8,07 milhões em 2015 – uma queda de 2,8%.

A operação foi apelidada pelo ministro de “De volta para o futuro”. E nos perguntamos de qual futuro propõe o ministro para o momento contemporâneo, momento de avanço de políticas neoliberais e esvaziamento do Estado. Como o futuro é cheio de incertezas, o ministro, reconheceu que grande desafio está além de encontrar e chegar à casa desses jovens, mas em convencê-los de que investir nos estudos é um caminho seguro para um futuro melhor.

Essa circunstância da promoção de um discurso que alcance os jovens de modo a tentar convencê-los de retornarem para a escola, é presente na campanha publicitária veiculada pela Rede Globo ao tomar como referência o gênero musical do “funk carioca”, e as personagens estarem representando o grupo mais pobre e periférico da população, em que mais da metade dos jovens se encontra fora do mundo escolar. A Resolução SE 42, também procura por diálogo com o universo da juventude, ao propor em seu artigo 2º, inciso II, que os grêmios estudantis sejam parte no esforço em (re)incorporar os alunos à escola.

Cabe ressaltar que a juventude é incerta como o futuro, momentos de metamorfose e transformações, momentos a serem ainda iluminados, um universo múltiplo e fragmentado, composto pelas mais diferentes identidades, do outro.

As incertezas de um futuro já se encontram em um passado não tão distante

Dados compilados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (TERRA EDUCAÇÃO, 2012), baseados na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) de 2011, mostrou que a taxa de abandono escolar entre jovens alcançou 32,2% das matrículas. Este número apresentou uma queda na taxa de abandono do Ensino Médio na relação com o ano de 2001, que apresentou um percentual de 43,8%.

Outros dados da PNAD de 2011 analisados pelo IBGE tomando como referência um estudo produzido em países da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OECD) (TERRA EDUCAÇÃO, 2012), comparou os números brasileiros com números do universo europeu. Nesta comparação a média brasileira é três vezes maior do que o percentual verificado em 29 países europeus. Para o Relatório de Desenvolvimento 2012, divulgado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), a taxa de evasão escolar no Brasil (UOL, 2013) é de 24,3%, com somente 49,5% da população com o ensino Médio completo.

O estudo produzido pela OECD problematizou a relação dos jovens com o mercado de trabalho, observando maior vulnerabilidade nos que não concluíram o Ensino Médio em relação ao acesso às oportunidades de qualificação e ao emprego estável, concluindo que apresentam maiores chances de desemprego, empregos instáveis, inseguros e de baixa remuneração. Para o IBGE (*apud TERRA EDUCAÇÃO*, 2012), “os jovens que abandonaram a escola sem completar o ensino médio tornaram-se o problema mais grave a ser enfrentado pela política educacional desses países atualmente”.

Cabe observar que os números apresentados pelo IBGE e pela OCDE projetam uma educação vinculada ao mercado de trabalho por meio de uma escola mais sensível a hábitos e práticas comerciais e utilitárias, bem como por práticas que a qualquer momento podem ser organizadas por padrões mercantis através de instrumentos e parâmetros curriculares, que definem sua gestão e sua política curricular.

Em outro estudo (JUNIOR, 2013) o IBGE, com dados PNAD de 2012, apontou um pequeno aumento do analfabetismo no país (0,1%), sendo esta a primeira tendência de alta ou primeira estacionada desde 1998: um número estimado de 13,2 milhões de brasileiros que sabem ler nem escrever ou 8,7% da população com mais de 15 anos. Este mesmo estudo observou que o analfabetismo funcional apresentou queda de 20,4% para 18,3%, atingindo 27,8 milhões de brasileiros. O IBGE considera como analfabeto funcional pessoas de 15 anos ou mais de idade com menos de 4 anos de estudo completo sobre o total da população da mesma faixa etária.

Os dados compilados pelo IBGE, pela UFMG, pela UNICEF, pelo PNUD, sempre observando os levantamentos das PNAD de 2011 e 2012, apresentaram os problemas que, somente a partir do segundo semestre de 2015, o governo federal e o governo do estado de São Paulo se propuseram a combater.

Corpos (in)dóceis

A elevada taxa de abandono escolar pelos jovens, apresentam uma situação anacrônica em relação com os discursos e investimentos na educação brasileira, demonstrando um descompasso entre o currículo oficial e o desejo de boa parte do grupo de jovens que abandonaram a escola, como bem observa a coordenadora do Programa de Educação da UNICEF no Brasil, Maria de Salete Silva (*apud AGÊNCIA BRASIL*, 2013). Para ela há uma “desvinculação da escola com o projeto de vida do estudante”, ou seja, a escola ao vincular-se apenas ao mercado de trabalho e/ou aos vestibulares e à universidade, acaba apagando questões prementes ao universo destes jovens que compõem os índices de evasão escolar, um claro descompasso entre o que é ensinado e a realidade deles.

A coordenadora da UNICEF ainda observa que “as instituições de ensino devem trabalhar para a construção da história de vida”, ou como observam Veiga-Neto & Lopes (2010), é preciso pensar de outros modos a educação e o momento contemporâneo, em busca de “novas formas de cada um se relacionar consigo mesmo e com os outros, bem como criar novas estratégias políticas para a educação” (VEIGA-NETO & LOPES, p. 148).

A emergência desses discursos pela máquina estatal-burocrática, atravessados por relações de poder e de conduções biopolíticas, coloca em questão quem esses alunos são e que se quer que esses alunos sejam. Esses alunos representam os repetentes, os que têm problemas de alfabetização no Ensino Fundamental, a gravidez precoce, o tráfico e o crime, os que aspiram o ensino técnico e o mercado de trabalho.

Porém a mesma máquina, ao refletir sobre o que se quer que esse aluno seja, não consegue expandir suas ações para além de um currículo e políticas públicas que, pelos números apresentados, não vão de encontro com o ensejo desses alunos. Tanto a Resolução 42, como o

projeto do MEC, observam a necessidade de motivar e procurar por soluções que proporcionem a esses alunos atividades que atendam seus interesses, mas ambas instituições não sabem indicar quais são essas reais necessidades. Em nenhum momento conseguem observar que possivelmente o problema esteja nas suas escolhas e não das dos alunos.

Na campanha publicitária da Fundação Roberto Marinho em parceria com a UNICEF, busca-se combater a evasão escolar pelo medo, pela impossibilidade de se viver e sonhar, de construir uma vida digna sem a presença no espaço escolar. Repete-se o mantra de uma escola de disciplinamento para a emancipação, maiordade e liberdade; disciplinamento para / da vida; de escola universal e universalizante, firmada no pacto entre Estado, Família e Mercado para a formação cidadã, liberdade e trabalho. Nem mesmo a escolha por uma música e personagens que se aproximem do capital cultural dos alunos, consegue movimentar os discursos que circulam pelo mundo escolar.

O grande desafio para as políticas públicas educacionais é perceber as dobras dessa inquietude e o incômodo desses alunos que se encontram desencaixados, que confundem o olhar, as representações e os significados educacionais canônicos. Percebê-los exige o exercício da diferença; um devir; outros modos de ver/ver-se no mundo. Protagonismos outros, palavras outras, saberes outros, narrativas outras.

Referências

AGÊNCIA BRASIL. Unicef aponta descompasso entre ensino e realidade de adolescentes. Disponível em: <http://noticias.terra.com.br/educacao/unicef-aponta-descompasso-entre-ensino-e-realidade-de-adolescentes,a40795d82cd9e310VgnCLD2000000_dc6eb0aRCRD.html>. Último acesso: nov. 2013.

INEP. Censo escolar. Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/basica-censo>>. Último acesso: mai. 2016.

JUNIOR, C. IBGE: analfabetismo cresce pela primeira vez desde 1998. Disponível em: <<http://noticias.terra.com.br/educacao/ibge-analfabetismo-cresce-pela-primeira-vez-desde-1998,e5e1e55448c51410VgnVCM3000009acceb0aRCRD.html>>. Último acesso: nov. 2013.

LARIEIRA, L. Atraso escolar e trabalho forçam evasão na Educação Básica. Disponível em: <<http://www.ebc.com.br/educacao/2015/05/atraso-escolar-e-trabalho-forcam-evasao-na-educao-basica>>. Último acesso: mai. 2016.

MEC. Ministério vai intensificar as políticas públicas de combate ao abandono escolar. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/component/article?id=35061>>. Último acesso: mai. 2016

POLINE, T. Cerca de 1,7 milhão de jovens estão fora da escola no Brasil, diz UNICEF. Disponível em: <<http://g1.globo.com/minas-gerais/noticia/2015/03/cerca-de-17-milhao-de-jovens-estao-fora-da-escola-no-brasil-diz-unicef.html>>. Último acesso: mai. 2016.

SEE-SP. Resolução SE 42, de 18 de agosto de 2015: institui o projeto “quem falta faz falta”, no âmbito do programa educação-compromisso de São Paulo, e dá providências correlatas. Diário oficial do Estado de São Paulo. Seção I, p. 34.

TERRA EDUCAÇÃO. **Abandono escolar no Brasil é 3 vezes maior que na Europa.** Disponível em: <<http://noticias.terra.com.br/educacao/ibge-abandono-escolar-no-brasil-e-3-vezes-maior-que-na-europa,9608febb0345b310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html>>. Último acesso: nov. 2013.

UOL EDUCAÇÃO. **Brasil tem a 3ª maior taxa de evasão escolar entre 100 países, diz PNUD.** Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/noticias/2013/03/14/brasil-tem-3-maior-taxa-de-evasao-escolar-entre-100-paises-diz-pnud.htm>>. Último acesso: mai. 2016.

VEIGA-NETO, Alfredo; LOPES, Maura Corcini. Para pensar de outros modos a modernidade pedagógica. **ETD - Educação Temática Digital**, Campinas, v. 12, n. 1, 2010. p. 147-166.